

## **Sustentando redes sociais, configurando outros espaços: tecnologias e famílias transnacionais em Governador Valadares**

---

 **Elton Francisco**

Doutorando em História  
Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo:**

Nas últimas décadas, o desenvolvimento e o barateamento dos meios de transportes necessários aos deslocamentos espaciais, bem como a incorporação de novas tecnologias de comunicação nas relações sociais, são vistos como processos que diminuem as distâncias espaço-temporais entre as diversas regiões do mundo, favorecendo, assim, a criação de um espaço que se pode chamar de "transnacional". Este trabalho analisa de que forma esse processo é importante para os habitantes de Governador Valadares (MG) que emigraram para os Estados Unidos e para as famílias que permaneceram na cidade. Por meio da realização de 12 entrevistas metodologicamente tratadas a partir da perspectiva da história oral durante realização de trabalho de campo naquela cidade em maio de 2007 e entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011, foi possível verificar que a migração é um projeto afetivo e familiar e que, na medida em que permite que redes domésticas se comuniquem à distância, este processo gera significativas mudanças no cotidiano dessas famílias, bem como novos constrangimentos sociais.

### **Palavras-chave:**

Governador Valadares (MG) - migração  
Famílias de trabalhadores migrantes  
História oral

Gláucia de Oliveira Assis (Universidade do Estado de Santa Catarina) e Sueli Siqueira (Universidade do Vale do Rio Doce) são, respectivamente, minha orientadora no mestrado e minha parceira de pesquisa, e atenciosamente me cederam entrevistas para a realização deste e de outros trabalhos. A elas os meus agradecimentos.

## Introdução

A emigração de um número significativo de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos e para a Europa, ainda é um fenômeno recente. Esse fluxo se iniciou de forma bastante esporádica na década de 1960 e se intensificou ao longo da década de 1980, e podemos localizá-lo especificamente em algumas cidades brasileiras como Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC). Na virada do século XX, no entanto, a realidade da emigração já fazia parte do cotidiano de milhares de brasileiros, de modo que podemos falar em um espraiamento dos locais de saídas desses emigrantes, abrangendo, por exemplo, outras cidades como Maringá (PR) ou mesmo regiões vizinhas às cidades já citadas, como as cidades que compõem a Microrregião de Governador Valadares.<sup>1</sup> Com esse movimento migratório, o Brasil se inseriu na dinâmica de um novo panorama mundial marcado também por novos fluxos migratórios internacionais intensificados a partir da década de 1970 e, no caso brasileiro, na década de 1980 devido ao contexto de crise econômica. Nesse processo, e paulatinamente, desvanece a ideia de que o Brasil é somente país de imigração.

A economia brasileira da década de 1980 foi caracterizada por uma significativa crise que provocou fortes efeitos sociais, dentre eles a falta de trabalho e de renda. Denominada de “década perdida” e em contraposição ao chamado “milagre econômico” na década anterior, a década de 1980 se caracterizou por um grande impacto nos níveis inflacionários que levou o País a assumir uma política abertamente recessiva, com restrições de créditos, aumento de juros, corte nos gastos públicos e alteração da política salarial. Segundo a socióloga Teresa Sales, que examinou a relação entre emigração e crise econômica, os últimos anos dessa década apresentaram os mais altos índices de inflação: 685% em 1988 e 1.320% em 1989. Em uma pesquisa realizada em Governador Valadares, em 1997, a pesquisadora responsável observou que o maior número de casos de emigração foi crescente justamente na segunda metade desta década, atingindo seu ápice

1 A Microrregião de Governador Valadares faz parte da Mesorregião do Vale do Rio Doce e engloba vinte e cinco municípios, a saber: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galileia, Governador Valadares, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Mógica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José da Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga e Virgolândia.

entre os anos de 1987 e 1989.<sup>2</sup> Nesses três anos o País assistiu à ascensão e à queda de pelo menos três planos econômicos, motivo pelo qual a autora chamou o período de “triênio da desilusão”. Tal desilusão, entretanto, estava voltada também às dificuldades ligadas ao processo de transição de um regime autoritário para um regime democrático de direito.<sup>3</sup>

Segundo Wilson Fusco, apoiando-se nos dados da mesma pesquisa, 85,6% dos valadarenses que emigraram para o exterior escolheram os Estados Unidos como destino.<sup>4</sup> Segundo Weber Soares, 58,6% deles emigraram entre os anos de 1980 e 1989.<sup>5</sup> Os valadarenses se dirigiram para pontos específicos nos Estados Unidos. Da mesma forma que os goianos se concentraram em São Francisco, na Califórnia,<sup>6</sup> os valadarenses se dirigiram principalmente para o estado de Massachusetts: 51% do total de emigrados, segundo Wilson Fusco, dos quais um terço deles encontrados somente na cidade de Boston. Esse direcionamento evidencia a presença e a dinâmica das redes sociais, sugerindo que, quando alguns indivíduos se fixam em determinados lugares, e com o paulatino amadurecimento das redes, estas direcionam o fluxo para lugares específicos, o que nos sugere também que “as redes migram”.<sup>7</sup>

Este movimento insere o Brasil na dinâmica dos recentes fluxos migratórios internacionais que, desde a década de 1980, e com o contexto de um mundo cada vez mais globalizado, tem-se tornado um processo de particular importância para estados nacionais e para estudos acadêmicos, em

2 Teresa Sales, “Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA”, in: Rossana Rocha Reis e Teresa Sales, *Cenas do Brasil migrante*, São Paulo, Boitempo, 1999, p. 17-44.

3 Sales também salienta que, nas diversas pesquisas que efetuou sobre o tema, frequentemente os imigrantes brasileiros referiam-se à decepção com o Brasil por causa da inflação e do confisco da poupança no governo Collor de Mello como um dos fatores que os levaram a emigrar. Os mesmos motivos apresentaram-se e foram reforçados na imprensa “brazuca” que circulava nos Estados Unidos e que foi por ela analisada. Esse também foi o motivo pelo qual muitos brasileiros também redefiniram as expectativas temporais naquele país, prolongando o projeto de permanência.

4 Wilson Fusco, “Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos”, in: Brasil. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, *Migrações internacionais: contribuições para políticas*, Brasília, [s.n.], 2001, p. 427-441.

5 Weber Soares, “Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano”, in: Reis e Sales, *Cenas do Brasil migrante*, p. 167-192.

6 Gustavo Lins Ribeiro, “O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco” in: Reis e Sales, *Cenas do Brasil migrante*, p. 45-86.

7 Charles Tilly, “Transplanted networks”, in: Virginia Yans-McLaughlin, *Immigration reconsidered*, New York, Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

certa medida porque desde então o mundo tem sido palco de uma mobilidade humana sem precedentes, em que os fluxos migratórios internacionais apresentam características muito diversas de fluxos de contextos anteriores. Dentre estas, destacam-se o considerável crescimento no número de e/i/migrantes, o aumento do número de países envolvidos em redes migratórias internacionais, a diversificação dos tipos de migração — e, sobretudo, os motivos que as geram — e, ainda, as consequências sociais, econômicas e culturais desse processo.<sup>8</sup>

A cidade de Governador Valadares, propositadamente nomeada de “Valadólaires” por alguns de seus habitantes, constituiu uma conexão com os Estados Unidos durante a década de 1960 em função da existência de um imaginário social sobre aquele país como um “Eldorado”.<sup>9</sup> Na década de 1980, esse fluxo tomou uma importante dimensão quando um número significativo de seus habitantes emigraram para aquele país, modificando a vida cotidiana e os espaços físicos da cidade.<sup>10</sup> Atualmente esta conexão se

- 8 Quanto à nomenclatura dos termos “emigrante”, “imigrante” e “migrante”, entendo que o termo “migrante” se refere àqueles que se deslocam entre diferentes espaços geográficos no interior de um mesmo estado nacional. O termo “emigrante” se refere ao movimento de saída de um estado nacional para outro e quando se considera o deslocamento a partir da comunidade de origem. Do mesmo modo, o termo “imigrante” se refere a esse deslocamento entre estados nacionais a partir da comunidade de destino. Desse modo, são migrantes, por exemplo, os nordestinos que chegaram a São Paulo. São emigrantes os brasileiros nos Estados Unidos. São imigrantes os italianos no Brasil. Ao longo deste trabalho, no entanto, e considerando que muitos autores (o historiador Alistair Thomson, 2002, por exemplo) não fazem distinção entre esses termos, algumas vezes utilizo o termo “migrantes” para me referir aos deslocamentos que atravessam fronteiras nacionais. De igual modo, o termo “e/imigração” é utilizado no sentido de destacar o fato apontado por Abdelmalek Sayad de que todo emigrante é também um imigrante. Para este autor, um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, em trânsito. Abdelmalek Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo, Edusp, 1998, p. 54.
- 9 Esta foi uma denominação dada à cidade durante a década de 1980 devido aos dólares que impulsionavam a economia local, sendo recorrentemente citada pelos valadarenses. Tal denominação também apareceu na entrevista que realizei com Lorena, quando a certa altura relatou que “no início foi ótimo, o dólar aumentou, o pessoal ficou numa euforia, chegou a três reais se eu não me engano. Mas qualquer um que tem o mínimo de noção sabia que aquilo não ia ficar assim, ele ia baixar e baixar muito mesmo. Então muitos que trabalhavam em construções foram mandados embora, afinal nós estamos em ‘Valadólaires’, como eles falam”. Lorena, 66 anos, nunca migrou, mas tem um filho desde 2005 no exterior. *Entrevista concedida ao autor*, Governador Valadares, 03/02/2010. Nomes próprios utilizados neste artigo foram substituídos por nomes fictícios com a intenção de manter preservada a identidade dos entrevistados. Somente pessoas que já foram publicamente identificadas serão citadas com seus nomes verdadeiros. O Eldorado é uma antiga lenda narrada pelos índios aos europeus na época da colonização das Américas. Falava de uma terra sem mal, de delícias e prodigiosas riquezas. Sobre o assunto, ver Sergio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- 10 Grande parte dos valadarenses que emigraram para os Estados Unidos o fez sem a documentação exigida pelas políticas imigratórias norte-americanas, fato que dificulta uma definição mais precisa com relação aos números. A saber, em 1997 um “survey” realizado por

mantém constante, na medida em que os sistemas de telecomunicações e a mídia têm o potencial de permitir às redes sociais frequentes conexões, transcendendo fronteiras nacionais e ligando redes domésticas através de grandes distâncias.

Este artigo tenta dar alguma visibilidade ao fato de que o processo de modernização dos meios de transportes e de comunicações ajudam a caracterizar as experiências migratórias, inscrevendo-as em diferentes momentos históricos (ao mesmo tempo em que são caracterizados por eles), e como, no tempo presente, tais meios são significativos para que os emigrantes e suas famílias possam manter os laços, mantendo ativas as redes sociais que sustentam esse fluxo, transformando as suas vidas cotidianas e criando novos constrangimentos sociais. Para tanto, foram realizadas doze entrevistas a partir da perspectiva da história oral.<sup>11</sup> No campo da história, essa perspectiva teórico-metodológica vem-se firmando, desde a década de 1980, como portadora de uma “particularidade” a partir da qual podemos entender melhor “os significados subjetivos da experiência histórica”.<sup>12</sup> Para o trabalho aqui proposto, esta opção teórico-metodológica é importante na medida em que os relatos orais esclarecem experiências de

um grupo de pesquisadores da Unicamp, sob a coordenação de Teresa Sales, estimou que 18% dos domicílios possuíam ao menos um membro da família residindo no exterior. Em 2007, uma pesquisa realizada pelo Centro de Informação Apoio e Amparo à Família e ao Trabalhador no Exterior (CIAAT), coordenada por Sueli Siqueira, estimou que esse número havia saltado para 46%. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população residente de Governador Valadares é de 263.689 habitantes, sendo que 96.161 domicílios foram recenseados. Considerando que a primeira pesquisa citada revelou que mais de 80% dos valadarenses emigrados dirigiram-se aos Estados Unidos, e que, segundo a segunda pesquisa, só a partir da década de 2000 (devido ao recrudescimento das políticas imigratórias e a um maior controle das fronteiras norteamericanas), o número de valadarenses que se dirigiram para países da Europa aumentou, podemos falar em milhares de valadarenses residindo ou que residiram nos Estados Unidos. Esses e outros dados podem ser encontrados em Sueli Siqueira, “Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal, *Migrações. Revista do Observatório da Imigração*, 5 (2009), p. 135-154, [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista\\_5/Migr5\\_Sec1\\_Art7.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art7.pdf), acesso em 23/07/2011; Teresa Sales, *Brasileiros longe de casa*, São Paulo, Cortez, 1999; Cristina Scudeler, “Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA”, in: Reis e Sales, *Cenas do Brasil migrante*, p. 193-233.

11 Os dados explorados neste artigo são provenientes de duas ordens de pesquisa. A primeira diz respeito ao projeto “As conexões entre o Brasil e os EUA: uma análise das redes sociais a partir das cidades de Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC)”, realizada entre agosto de 2006 e agosto de 2008, coordenada pelas professoras Gláucia de Oliveira Assis e Sueli Siqueira (com colaboração deste autor, de Sandra Nicole e Gisele Meriz como bolsistas de iniciação científica), financiado pelo Conselho Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CNPq) e pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). A segunda diz respeito ao trabalho de campo empreendido por este autor por ocasião da elaboração da sua dissertação de mestrado entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011. Aproveito para agradecer à Sandra Nicole e aos familiares da professora Gláucia de Oliveira Assis, que me receberam em seus lares e me orientaram no trabalho de campo na cidade de Governador Valadares.

emigrantes que são em sua maioria indocumentados e que, por essa razão, não gostam de ser identificados ou que “não deixam vestígios escritos”.<sup>13</sup>

Esses relatos nos ajudam a entender, sobremaneira, as razões da existência do fluxo aqui examinado, na medida em que, e para além de motivações econômicas, evocam e visualizam imaginários coletivos sobre o local de destino e oferecem uma versão de como esses imaginários são criados, apropriados e reproduzidos, e também como circulam. Denotam a inter-relação entre as histórias de vida individuais e coletivas, dando-nos a ver de que forma mitos e imaginários coletivos podem ser significativos para os emigrantes e, conseqüentemente, para o fluxo e para a história da cidade. O imaginário será aqui entendido como a maneira como os indivíduos relacionam imagens e ideias que os movem individual ou coletivamente, na medida em que estas exprimem expectativas e os guiam em ações comuns. Para Baczko, o imaginário social é

um aspecto da vida social, da atividade global dos agentes sociais, cujas particularidades se manifestam na medida na diversidade dos seus produtos. Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns (...).<sup>14</sup>

Os relatos orais também evidenciam a existência e as dinâmicas das redes sociais que se constituem e que sustentam esse fluxo. Em estudos realizados por historiadores, eles têm se revelado primordiais para a averiguação dos fatores e causas da migração, denotando processos de troca de informações e negociações no interior das famílias e das redes sociais,

12 Alistair Thomson, “Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração”, *Revista Brasileira de História*, 22, 44 (2002), p. 341-364. Em relação ao aporte metodológico e teórico da história oral, baseio-me nos trabalhos desenvolvidos pelo italiano Alessandro Portelli, porque entende que os relatos orais são construídos numa relação dialógica entre o pesquisador e o entrevistado e que, por serem relativos a contextos e situações, esses relatos “crescem com o tempo e se decompõem com o tempo”. Alessandro Portelli, “O momento da minha vida: funções do tempo na história oral”, in: Déa Ribeiro Felon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Khoury (Orgs.), *Muitas memórias, outras histórias*, São Paulo, Olho D’água, 2004, p. 297.

13 Bertaux-Wiame apud: Thomson, “Histórias (co)movedoras”, p. 346.

14 Bronislaw Baczko, “Imaginação social”, in: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 309.

bem como evocando “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino. Analisando a migração das províncias francesas para Paris no período entre as duas guerras mundiais, por exemplo, a historiadora Isabelle Bertaux-Wiame percebeu que os relatos dos migrantes iluminavam as relações sociais que estavam por trás das migrações, “redes de relações entre as pessoas que não deixam vestígio escrito atrás delas”. Essas redes eram de fundamental importância para as pessoas que vinham para Paris sem capital ou qualificações, pois “não apenas promoviam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor para viver, e até mesmo uma esposa ou um marido”.<sup>15</sup>

### **Das cartas aos e-mails: a modernização tecnológica transnacionalizando famílias**

Para que um imaginário social possa ser criado e difundido ou para que um fluxo de migração possa se constituir, principalmente aqueles que se sustentam mantendo ativas as redes sociais que conectam a sociedade de origem e de destino, é necessário que haja comunicação entre um “aqui” e um “lá” — entre o Brasil e os Estados Unidos, por exemplo. Nesse sentido, a comunicação pressupõe uma conexão e vice-versa, de modo que tal relação é imprescindível não só para a existência de um imaginário ou de um fluxo migratório, mas também para que, a partir do momento em que foram constituídos, estes possam continuar existindo ao longo do tempo.

Essa relação toma alguma visibilidade quando analisamos os relatos orais dos emigrantes retornados ou dos seus familiares que permaneceram na cidade. Por esse motivo demonstrarei, ainda que superficialmente, aspectos das trajetórias e/imigratórias de alguns deles. A começar por Carmem, que emigrou para os Estados Unidos em 2002 e retornou a Governador Valadares em 2005 como e/imigrante indocumentada. Na entrevista, disse-me que pretendia ficar por um período maior naquele país e que chegou a procurar um advogado para analisar sua situação e possível regularização, mas, para que isso acontecesse, teria de permanecer mais dois anos, o que não seria possível já que “meus filhos já estavam me esperando porque eu tinha falado pra eles que ia ficar dois anos e ultrapassei

15 Bertaux-Wiame apud: Thomson, “Histórias (co)movedoras”, p. 346.

sete meses, eles me cobravam isso, pelo telefone e às vezes pelo MSN”. Relatou-me também que, quando sua mãe faleceu em Governador Valadares, seus irmãos, que estavam nos Estados Unidos, “não puderam vir, o único contato que eles tinham era por telefone e foi o último contato que eles tiveram também”.

De modo semelhante, Lorena, que nunca emigrou, mas que tem um filho nos Estados Unidos desde 2004, narrou-me que a vida cotidiana mudou significativamente depois que o filho Rogério emigrou para os Estados Unidos:

arrancou um pedaço de mim, a gente fica esperando a noite inteira pra ver se o telefone toca, a gente entra no MSN, mas não está, às vezes dá vontade de dar murro nas paredes, acorda e o peito tá doendo, a gente vê um avião e pensa: meu Deus, que vontade de entrar ali e ir abraçar meu filho.

No outro extremo dessa conexão, seu filho Rogério mostra-lhe as mudanças que ele próprio observa em seu cotidiano nos Estados Unidos. Pela câmera do computador, ele mostra seu quarto e diz a ela: “olha, mãe, como o meu quarto está arrumadinho, agora as toalhas estão todas brancas e enroladinhas”.

Luci relatou que ela e o marido foram incentivados a emigrar para os Estados Unidos em 1989 porque “os amigos telefonavam de lá dizendo que estava bom, que dava pra comprar casa e tudo”. Maria Helena, por sua vez, relatou que, na aventura de emigrar pela fronteira mexicana com um grupo de mais dez brasileiros da região de Governador Valadares, em 2005, e por ser ela a mais escolarizada, os “coiotes” a escolheram para “guiar o grupo”, de modo que, falando com eles ao telefone, ela chegava aos hotéis, resolvia os problemas — quando, por exemplo, alguns se negavam a pagar propina, “eles ligavam e tudo era comigo”.

Por fim, Verônica, que emigrou em 1995, narrou que, depois de retornar dos Estados Unidos em 2002, fala frequentemente com amigas que ficaram lá e que a ex-patroa continua lhe enviando cartas e fotos dos filhos.

Esses aspectos das trajetórias migratórias de Carmem, Luci, Maria Helena, Verônica e mesmo de Lorena nos sugerem que, na conexão entre Governador Valadares e os Estados Unidos, a comunicação desempenha importante papel na vida cotidiana daqueles que emigraram, dos que permaneceram e dos que retornaram. Foi a partir de certo tipo de

comunicação que foram criados o imaginário social que percebe aquele país como um “Eldorado” e o fluxo de emigração que conecta esses dois lugares. São também certos tipos de comunicação que permitem que emigrantes e conterrâneos possam estabelecer regularmente o contato, mantendo ativas as redes sociais que sustentam esse fluxo.

No plano das relações sociais, passados mais de 40 anos desde que os primeiros valadarenses, homens e mulheres, rumaram aos Estados Unidos, é notável que se constituiu na cidade um singular campo social. É um campo de relações transnacionalizadas que coloca sempre em contato os emigrantes que ainda residem no exterior e seus conterrâneos no Brasil. Esse contato ocorre pelos mais diversos motivos, seja apenas para “matar a saudade”, seja para o envio de dinheiro ou presentes, ou mesmo os contatos realizados por muitos emigrantes que, retornados ao Brasil, ainda mantêm relações econômicas com os Estados Unidos — como no caso daqueles que criaram negócios de importação e exportação de diversos produtos — ou ainda nos casos em que os sujeitos passam a viver em dois ou mais lugares alternadamente, tornando-se “transmigrantes”.<sup>16</sup> De um modo diferente, pessoas que nunca emigraram também se envolveram de alguma forma com a realidade da emigração. Tudo isso contribuiu para que os emigrantes e suas famílias “estruturassem a vida entre dois lugares”,<sup>17</sup> o que provocou também uma “nova configuração no estilo de vida local”.<sup>18</sup>

O conceito de redes sociais favorece a compreensão do deslocamento de valadarenses na conexão com os Estados Unidos porque, concretamente, permite observar o acesso do emigrante a uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de troca de experiências e informações, relações econômicas, culturais e simbólicas.<sup>19</sup> Dessa forma, as

16 Uma discussão sobre transnacionalismo pode ser encontrada em Alejandro Portes, *Estudos sobre as migrações contemporâneas: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*, Lisboa, Fim de Século, 2006.

17 Gláucia de Oliveira Assis, “Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos”, *Textos NEPO*, 41 (2002), p. 7.

18 Sueli Siqueira, *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno*, Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p. 58.

19 Para o sociólogo Douglas Massey, a “teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar autossuficiente com o tempo, por causa do capital social, que facilita aos migrantes em potencial contatos pessoais com parentes, amigos e conterrâneos; oferecem aos migrantes oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no

vindas e idas ao Brasil, a troca de cartas, os telefonemas, os presentes enviados a parentes e amigos, as remessas para o Brasil, mais recentemente a comunicação pela internet, bem como a obtenção de outras informações necessárias ao projeto de emigrar, são exemplos das relações transnacionalizadas estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos. Os sistemas de telecomunicação e de alguma maneira também a mídia têm o potencial de transformar o cotidiano dessas pessoas e permitir às redes de parentesco e de amizades manter frequentes conexões, transcendendo fronteiras nacionais e ligando redes domésticas através de grandes distâncias.

Essa, no entanto, não é uma novidade nos fluxos migratórios internacionais, de modo que migrantes envolvidos nos fluxos migratórios anteriores ao período pós-guerra não cortaram em definitivo os contatos com a terra de origem, o que era feito primordialmente por meio do envio de correspondências.<sup>20</sup> Ocorre que migrantes inseridos em fluxos mais recentes, especialmente após a década de 1980, possuem muito mais possibilidades de fazê-lo, de muitas formas e com grande frequência. Uma análise comparativa entre esses diferentes contextos pode mostrar que os fluxos migratórios mais recentes diferem dos anteriores por uma série de razões, dentre as quais um diferente e complexo contexto histórico e social caracterizado por um novo paradigma da economia mundial e por uma nova configuração no mundo do trabalho, pela constituição de redes sociais e pela manutenção periódica dos laços com a terra de origem.<sup>21</sup>

A importância dos meios de comunicação para a manutenção desses laços entre as sociedades de origem e de destino nos fluxos migratórios contemporâneos tem sido destacada, sobretudo, pelos estudos e autores que analisam a importância e as consequências do processo chamado “transnacionalismo”, como veremos a seguir. Dessa forma, o desenvolvimento e o barateamento dos meios de transportes necessários aos deslocamentos e a incorporação de novas tecnologias de comunicação nas

destino. À medida que as conexões interpessoais são estendidas e elaboradas, esse capital social mostra-se cada vez mais disponível ao migrante potencial nas comunidades de origem, o que intensifica a expectativa dos retornos líquidos e reduz progressivamente os custos financeiros e físicos da migração”. Douglas S. Massey et al., *Return to Aztlan*, Los Angeles, University of California Press, 1987, p. 169.

20 Ver Giralda Seyferth, “Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração”, in: Zeila B Demartini e Osvaldo Truzzi, *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*, São Paulo, Edufscar, 2005, p. 13-53.

21 Saskia Sassen, “Entrevista”, *Revista Ciência Hoje*, 39, 231 (2006), p. 6-9.

relações sociais são vistos como processos que diminuem as distâncias espaçotemporais entre as diversas regiões do mundo, favorecendo a criação de um espaço transnacional. Por isso a emergência do transnacionalismo apresenta-se como um novo fenômeno social e como um novo campo de estudo, o que relativiza a ideia do “tudo está dito” em termos de fenômenos migratórios.<sup>22</sup>

Ainda assim, poucos são os trabalhos que analisam as efetivas transformações históricas desse processo de desenvolvimento tecnológico relacionando-o à emergência de fluxos migratórios - demonstrando, por exemplo, as modificações do tipo de veículo utilizado para a comunicação e o processo de aprimoramento pelos quais estes passaram, ou ainda as importantes funções desses modos de comunicação na definição das distâncias sociais e na coletivização da experiência migratória ao longo do tempo. Nesse sentido, dois trabalhos que analisam o fluxo de africanos para a França são particularmente interessantes. No primeiro deles, *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*, Abdelmalek Sayad demonstrou que a criação de um sistema de comunicação a partir de um conjunto de instrumentos que coexistiram e se alteraram ao longo do tempo — mensagem oral, carta e gravação em fita cassete — possibilitou um diálogo entre os emigrantes argelinos na França e seus conterrâneos na Argélia, o que, por sua vez, gerou novos constrangimentos sociais e provocou significativas mudanças no cotidiano dessas famílias.

Nessa obra, Sayad explica que a forma de comunicação mais direta utilizada pelos emigrantes argelinos na França e suas famílias na Argélia — porque está naturalmente inscrita no sistema das relações familiares que inclui o autor, o portador e o destinatário da mensagem — é a mensagem oral. Tal processo, dado tão somente pela cultura da oralidade, serve a dois propósitos principais. Em primeiro lugar, enviar notícias das famílias na Argélia aos emigrantes na França (acontecimentos, projetos, pedidos, lembrança das suas obrigações para com suas famílias) e, de forma inversa, enviar notícias dos emigrantes na França às suas famílias na Argélia (se estão bem, se enviaram ou enviarão dinheiro, lembrar as mulheres da sua condição de mãe, esposa e mulher honrada etc.). Em segundo lugar, e no caso em que o portador da mensagem esteja emigrando pela primeira vez,

22 A expressão é utilizada por Cristina Blanco, “Movilidad creciente y emergencia de nuevos enfoques migratorios” in: Cristina Blanco (Org), *Migraciones: nuevas movildades en un mundo en movimiento*, Barcelona, Anthropos, 2006.

que isso sirva para que este possa ser recebido e amparado por aquele que receberá a mensagem. E, ainda, por ser uma forma de comunicação com o exterior (com o espaço público, portanto), a mensagem é um ato essencialmente masculino, e as mulheres só podem enviá-la através de uma rede de relações ainda mais estreita, geralmente por um homem que é parente ou amigo próximo.<sup>23</sup>

O envio de carta complementa a mensagem oral com algum intervalo de tempo e é considerado um ato mais formal, “privado”, ainda que outros a leiam, sendo associada à intenção de “segredo”. Entretanto, à medida que se desenvolve o processo de escolarização e se intensifica o número de emigrantes, a carta vai ganhando terreno sobre a mensagem oral e tende a se “feminizar”, já que as mulheres passam, elas mesmas, a escrever, em vez de ditá-la para que outro escreva, ou à medida que seus filhos escolarizados assim o façam. A mensagem gravada (por meio de fitas do tipo cassete), por sua vez, é uma técnica especialmente feminina, carregada de qualidades consideradas femininas: intimidade, interioridade, afetividade, fidelidade da mensagem etc., e é também uma técnica de “objetivação” que “contribui para desfazer ou dissipar as ilusões que produz”, o que se origina do sucesso “que encontra junto a todos aqueles que não conseguem se sentir à vontade (principalmente as mulheres) na linguagem pública, oral ou escrita”.<sup>24</sup>

Por sua vez, em *Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental*, Carolyn Sargent, Stephanie Larchance-Kim e Samba Yatera, ao analisarem a emigração de africanos do Mali, da Mauritânia e do Senegal para Paris, no período compreendido entre 1965 e 2005, e salientando a relevância das tecnologias de comunicação na (re)definição da distância social e na facilitação do envolvimento continuado de migrantes na tomada de decisões familiares nas suas comunidades de origem, destacaram que as conexões atuais dos emigrantes e suas famílias são mais intensas e frequentes do que aquelas possibilitadas por tecnologias de telecomunicações de quarenta anos atrás, de forma que a separação geográfica e a distância são muito menos determinantes do que no passado.<sup>25</sup>

23 Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 139-148.

24 Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 139-148.

25 Carolyn Sargent, Stephanie Larchance-Kim e Samba Yatera, “Migração e telecomunicações: tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental”, *Cadernos Pagu*, 29

No estudo com noventa e sete emigrantes, homens e mulheres, essas autoras constataram que eles acreditam ser cada vez mais fácil manter redes de conexões, especialmente pelo telefone. Desse total, 98% declararam receber notícias frequentes de casa: 74% por telefone, 11% por telefone e cartas simultaneamente, e apenas 6% pela internet. Este último dado está ligado ao baixo grau de escolarização dos entrevistados e à falta de acesso à internet na comunidade de origem. A preferência pelo telefone, segundo os entrevistados, consistia no fato de que, em comparação com o envio de cartas, o telefonema é mais rápido, fácil e permite escutar a voz dos familiares, o que para eles era comovente. De igual modo, e em contraste com a constatação de Abdelmalek Sayad sobre os emigrantes argelinos, o telefone possibilitava mais privacidade do que a carta, uma vez que esta, na ausência de um membro familiar letrado, deve ser lida por alguém que não pertence ao círculo familiar, que pode espalhar a informação à comunidade.

Os telefones são percebidos, ao mesmo tempo, como vantajosos e problemáticos:

aqueles migrantes que chegaram à França no final dos anos de 1960, 1970 ou mesmo nos anos 1980 comentaram sobre o tempo necessário para enviar e receber cartas naquela época. Notícias de uma doença ou morte raramente eram imediatas e frequentemente eram recebidas meses após o ocorrido. (...) Para esta geração mais velha, o contato instantâneo, o prazer de ouvir as vozes da família e passar por cima de intermediários para enviar e receber informação confidencial são benefícios significativos do acesso atual aos telefones. (...) Para alguns, a possibilidade de tal acesso imediato à família nem sempre é benéfica. Pedidos constantes de dinheiro - para cuidados com saúde, funerais, casamentos, batismos, num caso para reposição de gado roubado, para buscar comida - representam um fardo para os emigrantes em Paris, tanto empregados quanto desempregados. (...) Família e amigos na África ocidental formulam uma imagem da vida de imigrantes em Paris, na qual estes são bem sucedidos, financeiramente estáveis e levando uma vida invejável.<sup>26</sup>

Tomando por base os trabalhos de Sayad e Sargent, aqui rapidamente apresentados, podemos fazer um paralelo e inferir que, no fluxo de emigração de Governador Valadares para os Estados Unidos, a relação

(2007), p. 257-284.

26 Sargent et al., "Migração e telecomunicações", p. 271-272.

entre conexão, comunicação e imaginário social se aproxima em alguns momentos e se afasta em outros.

## **O aprimoramento tecnológico transnacionalizando das famílias valadarenses**

Assim como os emigrantes entrevistados por Sargent, os emigrantes valadarenses retornados entrevistados para este e outros trabalhos alegaram que a comunicação regular que estabeleciam com seus próximos propiciava-lhes satisfação emocional e acesso à informação e transações diversas. As entrevistas também permitiram constatar que as possibilidades de comunicação foram se modificando ao longo das últimas décadas, embora mesmo aqueles que emigraram já na década de 1960 também estabelecessem contatos frequentes com suas famílias no Brasil. Essas diferenças nas possibilidades de manter o contato e os laços entre os membros familiares em diferentes espaços geográficos caracterizam e diversificam as experiências migratórias, causando, por exemplo, modificações nas expectativas temporais, como no caso daqueles que emigraram temporariamente e estão lá ainda hoje, ou ajudando a manter vivo o imaginário que percebe os Estados Unidos como “Eldorado”, como no caso daqueles que, ao enviarem notícias de lá, salientam apenas os aspectos positivos da vida na sociedade norte-americana.

A experiência daqueles que emigraram na década de 1960 foi marcada por um contato menos intenso com o Brasil devido à insuficiência e ao alto preço dos meios de comunicação ou de transporte. Como exemplo, tomemos o relato de Coelho, que foi o primeiro intercambista valadarense favorecido pelo programa do Serviço de Campo Americano (“American Field Service”, AFS) e que trouxe informações concretas sobre o modo de vida e as possibilidades de trabalho nos Estados Unidos a alguns dos primeiros valadarenses que para lá rumaram com a intenção de trabalhar:<sup>27</sup>

27 Na memória do fluxo de emigração de Governador Valadares para o exterior, os intercambistas do American Field Service e do programa de bolsas de estudos do Rotary Club foram os primeiros a trazer informações concretas sobre a sociedade e a cultura norte-americana, ajudando na criação do imaginário social que percebe aquele país como “Eldorado”, uma vez que narraram a parentes e amigos as suas experiências, destacando, sobretudo, as possibilidades de trabalho e geração de renda. Para uma leitura mais cuidadosa da memória deste fluxo de emigração, ver minha dissertação de mestrado: *Emigração de valadarenses para os Estados Unidos: um estudo histórico sobre a constituição de redes sociais e sobre a participação das mulheres (1960-2010)*, Dissertação (Mestrado em

chegamos tão empoeirados no Rio de Janeiro, porque não tinha asfalto. Bom, depois, nós fomos pra pegar o avião, era o chamado constellation, era um avião de quatro hélices, um avião lento, barulhento e que saia pousando aí por todo lado, Manaus, ia pra esses lados do Caribe, depois Porto Rico até chegar em Miami. Era uma viagem bem longa, o avião era um troço ainda muito demorado, não sei se levou dezoito, vinte horas de vôo (risos). E depois o seguinte, olha bem, eu acho isso importante, não tinha telefone, tinha mas era precário, o negócio era tão raro e tão dificultoso que nesse natal de 62 eu ganhei da minha família (norte-americana, grifo meu) uma chamada para o Brasil e tenho até os jornais, eu tenho isso documentado, era tão importante, quer dizer, o pessoal lá naquele cantinho do Texas, falar com o país de origem era uma dificuldade, então, eles tiveram que pedir essa ligação com dois, três dias pro Natal e eu não conseguia falar, não falava direito, uma confusão. Então não tinha telefone direito, correspondência era trinta, quarenta e cinco dias pra chegar.<sup>28</sup>

Meios de transporte precários e demorados, telefonemas dificultosos e estradas empoeiradas são características apontadas no relato de Coelho, o que nos sugere que a viagem até os Estados Unidos se dava por meios de transportes que hoje nos parecem antiquados e inseguros, em viagens longas realizadas através de estradas que até então, e ainda em território brasileiro, não eram pavimentadas. Da mesma forma, a comunicação com familiares se dava pela escrita de cartas que ainda demoravam semanas até chegar ao destinatário e por telefonemas “dificultosos”, embora o telefone já representasse importante papel como veículo de comunicação, ainda que a qualidade do serviço fosse precária.

Essa precariedade encontrada nos serviços de telecomunicações inibia a circulação de uma quantidade maior de informações entre os países em questão, fato que foi-se alterando ao longo do tempo com a modernização dos meios de comunicação e com o retorno dos primeiros emigrantes. Essa menor circulação de informações é demonstrada por Coelho quando, ao ser questionado pelos norte-americanos sobre sua procedência, respondia que era brasileiro. Mas, para ele, os norte-americanos

não sabiam de nada. Claro que o Brasil era conhecido mas ninguém tinha noção de nada. É o seguinte, não tinha televisão direito. O rádio, as coisas assim, eram divulgadas

História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

28 Coelho, 65 anos, fez intercâmbio nos Estados Unidos entre 1962 e 1963. *Entrevista concedida a Sueli Siqueira e Gláucia de Oliveira Assis, Governador Valadares, 05/05/2007.*

através das rádios, de rádios governamentais, era a voz da América de um lado e a voz do Brasil por outro, que entravam com muita dificuldade, então a gente tinha pouco acesso à informação.<sup>29</sup>

Coelho aponta a inexistência da televisão como a responsável pela falta de informações nos e entre os dois países. Segundo ele, conhecia bem os Estados Unidos por meio das leituras que fazia sobre aquele país, e não por meio do rádio ou da televisão. Já os norte-americanos não conheciam muito bem o Brasil porque “não tinha televisão direito”. Considerando o relato de Coelho, podemos sugerir que a modernização dos veículos de comunicação nos países de destino — mas principalmente nos de origem, como demonstrou Carolyn Sargent e colaboradores (2007) no caso da emigração dos africanos ocidentais para a França — possibilita uma regular e mais intensificada circulação de informações de todos os matizes não só entre diferentes países, mas mesmo entre diferentes regiões de um mesmo país. Tal como observaram Sayad e Sargent para o caso dos fluxos migratórios de africanos para a França, esse fato cria implicações na relação entre comunicação e fluxos migratórios — por exemplo, aumentando o número de emigrantes ou intensificando os imaginários relacionados aos países de destino.

O relato de Eneida, que emigrou para os Estados Unidos em 1968, dá-nos a ver o quanto as experiências de e/imigração estão condicionadas aos contextos históricos nas quais estão inseridas:

Lembro que éramos oito mulheres, tinha menos homens do que mulheres. Foi uma coisa assim, eu fiquei sabendo que ia ter uma excursão, excursão né? Entre aspas! (risos), que iria lá pra Nova York. Eu já tinha vinte e quatro anos, meus pais já não podiam me impedir de ir, papai financiou e comprou a minha passagem depois de muita luta porque eles não queriam que eu fosse (...). Fui através da Geralda que tinha a agência da Varig ali na Barão do Rio Branco só que quem nos levou foi a irmã dela que foi conosco até Nova York. Só tinha a Varig e naquela época a passagem custou 856 dólares, você imagina em 1968 a passagem custar esse preço, hoje você encontra passagem muito mais barata do isso, mas naquela época ninguém ia para os Estados Unidos, era muito complicado. E todos estavam indo pra trabalhar, eu sinceramente não fui pra trabalhar, mas trabalhei é lógico.<sup>30</sup>

29 Coelho, *Entrevista*.

30 Eneida, 66 anos, emigrou em 1968. *Entrevista concedida a Sueli Siqueira, Governador Valadares, 17/04/2007*.

A experiência emigratória daqueles que partiram ao longo da década de 1980 ou décadas posteriores se configuraria de outra forma. Com o processo de modernização, os veículos de transporte e comunicação deixariam de apresentar problemas e passariam a oferecer soluções. A viagem para os Estados Unidos passou a ser feita em menos tempo, com meios de transportes mais modernos, seguros e econômicos, embora as condições de entrada naquele país estivessem se tornando mais restritas, já havendo negações de vistos de trabalho e um recrudescimento cada vez maior das leis de imigração e do controle das fronteiras nacionais.

A partir da década de 1980, a circulação das informações, tanto aquelas sobre o modo de vida norte-americano quanto as que são necessárias ao projeto de emigrar, é favorecida pela modernização dos veículos de comunicação e pelo retorno de um número maior de emigrantes. A comunicação destes com seus conterrâneos no Brasil continuava sendo feita por meio de cartas e de telefonemas, com uma visível melhora nos serviços postais e telecomunicativos. Contudo, a modernização dos serviços telefônicos não inibiu a comunicação efetivada pelas cartas. Os emigrantes de Governador Valadares escreveram muitas cartas ao longo de todo o período de existência desse fluxo, o que permitiu à antropóloga Gláucia de Oliveira Assis, ao realizar uma “cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos”, constatar que a “permanência desta forma de ligação é muito significativa, pois neste mundo de tantas facilidades de comunicação, a carta continua a ser um registro estimado pelos emigrantes”.<sup>31</sup>

A possibilidade de contatos mais frequentes entre os que estão “aqui” e os que estão “lá” implica consequências para esse fluxo de emigração, por exemplo, aumentando o número de emigrantes justamente porque dessa forma há a possibilidade de um maior acesso a informações, pedidos e oferecimentos de ajuda. Os emigrantes já estabelecidos nos Estados Unidos enviam não só notícias sobre sua vida, mas também convites e oferecimentos para o financiamento dos custos da viagem, bem como facilitam as coisas no momento da chegada aos EUA e na procura do primeiro emprego.

Desde o começo a gente comunicava com as meninas direto pelo telefone e as coisas vão evoluindo, facilitando, hoje eu tenho um telefone de uma companhia chamada MetroPCS e

31 Assis, “Estar aqui, estar lá”, p. 69.

eu pago 60 dólares por mês e falo aqui com o Brasil o quanto quero, pra qualquer cidade do Brasil. Eu tenho esse telefone há uns oito meses, mas lá a gente compra um cartão de 5 dólares e fala, eu comprava, hoje eu vejo que o meu telefone me dá mais lucro, tinha que ficar comprando cartão e a conta do telefone normal também era cara, quando as meninas estavam se adaptando eu cheguei a pagar mil e quinhentos dólares de telefone.<sup>32</sup>

lá tinha aquele de cartão, 5 dólares e você falava duas horas, antes era uma depois eles foram aumentando, a gente comprava os cartões e ligava, até pra celular mas na época nem tinha celular direito no Brasil depois que foi invadindo, mas dava pra ligar pra celular mais por menos tempo. Lá eu tinha internet, mas a minha família aqui não tinha, isso em 1996, 1997. Eu escrevia carta, gostava muito de mandar cartão, fotos, tirava as fotos e mandava, escrevia pra todo mundo, depois você vai cansando, perdendo o assunto, daí vai ficando no telefone, mas o telefone também começa a ficar desgastante porque você já não tem assunto, o que eles estão vivendo lá não é o que nós estamos vivendo aqui. Isso acontece hoje também quando as minhas amigas ligam de lá, eu não aguento ficar mais de dez minutos no telefone e elas querem ficar uma hora, duas horas, mas haja paciência porque eu já to querendo desligar e elas não desligam, eu não tenho mais assunto pra falar e lá a carência é demais daí eles ficam faladores: “você lembra do fulano?” A mesma coisa acontecia quando eu ligava, a minha família acho que ficava assim. Falava com todo mundo, cachorro, gato, vizinho, papagaio (risos).<sup>33</sup>

As narrativas de Tânia e Verônica ilustram algumas das implicações e dos novos constrangimentos que a expansão das telecomunicações acarreta na vida cotidiana dos emigrantes e suas famílias. Como observou Sargent para o caso dos africanos ocidentais na França, os meios de comunicação podem atuar de maneira a trazer conforto e tranquilidade para aqueles que estão nos dois extremos dessa conexão, como no caso de Tânia e Silvana, que deixaram seus filhos no Brasil aos cuidados dos avôs, como também gerar descontentamento, como no caso de Verônica, que diz não ter mais o que dizer quando as amigas ligam dos Estados Unidos, já que “o que eles estão vivendo lá não é o que nós estamos vivendo aqui”. Em contraste com as experiências de Tânia e Verônica, Sargent destacou que as mulheres malinesas que deixaram seus filhos na sociedade de origem aos

32 Tânia, 70 anos, emigrou em 1989. *Entrevista concedida ao autor*, Governador Valadares, 07/02/2010.

33 Verônica, 42 anos, emigrou em 1995. *Entrevista concedida ao autor*, Governador Valadares, 04/02/2010.

cuidados das avós frequentemente se veem frustradas por não conseguir pagar os custos dos telefonemas. Tratando do caso de uma dessas mulheres, especificamente, a autora comenta que “seu filho de quatro anos está em Mali com a avó. Ela sente saudades de seus pais e de seu filho o tempo todo e gostaria de poder telefonar, mas eles moram num povoado interiorano e não possuem telefone próprio”.<sup>34</sup>

A percepção que Verônica tem do acesso frequente à comunicação com as amigas que ficaram nos Estados Unidos é diferente da percepção de Lorena, que tem um dos filhos naquele país. Se a primeira diz não ter mais o que falar com as amigas, a segunda faz uma reclamação no sentido de que gostaria de falar mais com o filho, pois, segundo ela, assim que os valadarenses emigram, “eles telefonam muito, conversam muito porque eles também estão sentindo falta da casa, mas depois que eles se agregam lá, que eles têm o conhecimento, vão distanciando os telefonemas porque é como eu te falei, depois que eu me torno independente eu deixo até de crer”.

Nesse processo, o cotidiano das crianças e adolescentes também é alterado. Sargent e colaboradores demonstraram que os filhos dos emigrantes que conseguem chegar à França com suas mães vão se adaptando à sociedade de destino e passam a falar francês. Uma das entrevistadas lhe disse que, ao telefonar para a mãe em Bamako, pressiona sua filha de seis anos para que fale com sua avó ao telefone, “esperando encorajar a criança a continuar falando Bambara. Contudo, geralmente a avó fala Bambara e a criança responde em francês, frustrando as esperanças da mãe”.<sup>35</sup> Analogamente, Luiza, filha de Luci, foi para os Estados Unidos com cinco anos, sendo alfabetizada naquele país. Contudo, hoje já com vinte anos de idade e tendo retornado a Governador Valadares em 2002, ainda tem sérios problemas relacionados ao uso do português e exercita seu inglês com o primo que nasceu e permanece naquele país “porque ele não fala nada de português, é mais americano do que eu”. Lorena, avó de ambos, disse que outro dia, ao falar com ele ao telefone, perguntou se ele estava bem, ao que ele respondeu também em português (“estou ótimo”), fato que, segundo ela, a deixou “tão feliz”.

Todavia, neste processo de modernização dos veículos que possibilitam a comunicação, e também em contraste com as observações de

34 Sargent et al., “Migração e telecomunicações”, p. 271.

35 Sargent et al., “Migração e telecomunicações”, p. 274.

Carolyn Sargent e colaboradores para o caso dos africanos ocidentais na França, a internet vem desempenhando importante e destacado lugar no cotidiano dos emigrantes valadarenses e suas famílias, embora no fluxo estudado pela autora citada esse processo também esteja se tornando um pouco mais evidente. Como rede de telecomunicação, a internet tem se apresentado como uma grande aliada dos agentes envolvidos nos fluxos migratórios mais recentes. Os relatos dos emigrantes e uma rápida pesquisa efetivada na web sugerem que, por meio da internet, e cada dia mais, os emigrantes nos Estados Unidos trocam informações e experiências, “matam as saudades”, enviam notícias dos mais diversos matizes ao país de origem, etc., bem como atentam para o fato de que, deste modo, as redes sociais tecidas entre os emigrantes e seus conterrâneos podem “alargar suas fronteiras”, apresentando outra configuração de articulação e sustentação desse fluxo. Desse modo, poderíamos sustentar a ideia de que, no universo das migrações contemporâneas, redes sociais e redes de telecomunicações são, cada vez mais, realidades indissociáveis.

Por meio da internet os emigrantes valadarenses enviam notícias às suas famílias no Brasil, substituem-na pelas ligações telefônicas, pela escrita de cartas, como também se informam sobre oportunidades de empregos nos Estados Unidos, têm acesso às notícias referentes aos acontecimentos políticos, seja lá ou aqui. Se forem indocumentados, podem não só se informar sobre essa condição e sobre processos de legalização, mas também se organizar, criar fóruns de discussões, debates e esclarecimentos. Criam comunidades de emigrantes em sites de relacionamento onde se encontram disseminando e recebendo informações. Fazem da internet um campo de trocas de experiências e informações.

Lorena, por exemplo, acompanha do Brasil o cotidiano do filho Rogério nos Estados Unidos pela internet, pois, como disse ela,

Eu sempre aprendi que uma palavra pode significar muita coisa para a pessoa que está do lado de lá, então eu prefiro até escrever, ter o cuidado das palavras. Mas se eu for falar que eu to triste, que to com saudade, ele vai dizer que também, sem dúvida. Então a internet é assim, você vê, conversa, ele faz careta pra mim, bota a língua pra fora, “to coradinho não to?”, brinca muito. Mas quando você desliga ali, é muito doído. Ele fala “eu não sei viver sem você”, nós temos uma ligação muito forte, nós temos uma música “essa é a nossa música mãe”, a música fala que mesmo estando longe o meu coração está com você, eu ontem cantei ela o dia

inteiro, hoje eu to meio esquecida, é uma música do Caetano Veloso.<sup>36</sup>

Segundo ela, “eu aprendi a mexer no computador por causa dele, ele me mandou o computador de lá, mas eu aprendi sozinha”. Assim, a inclusão do computador e da internet foi mais uma das modificações operadas no cotidiano de Lorena no Brasil.

No outro extremo dessa conexão, essa experiência também fez parte da vida de Tânia e de Carmem. Tânia tem computador há apenas quatro anos e aprendeu a “mexer lá [nos Estados Unidos] pra comunicar com aqui, hoje eu tenho o meu e-mail, às vezes a gente se fala e aquele que não tem câmera pra gente se ver vai na casa de um irmão e junta todo mundo, daí tem um horário marcado, falo um pouquinho com cada um”. Para Carmem, essa inserção se deu pelo trabalho nos Estados Unidos, uma vez que, “até então nem mexia com computador, daí eu comecei a fuçar, na galeria eu tinha que colocar preços pelo computador então foi onde eu comecei a me interessar pela tecnologia da computação”. Um aspecto interessante nesse sentido é que, mesmo com o retorno a Governador Valadares, algumas mulheres continuam mantendo contato com as suas ex-patroas norte-americanas. Verônica, por exemplo, disse que “ela escreve pra mim, manda foto do neném porque ela custou a engravidar também”, o que nos sugere que alguns emigrantes, mesmo retornando à cidade de origem, de alguma forma continuam mantendo ativas as relações sociais estabelecidas a partir do cotidiano nos Estados Unidos.

A expansão e modernização tecnológica permitem um maior diálogo entre o “local” e o “global”, facilitando a circulação de informações, causando alterações significativas nas identidades individuais e coletivas, em costumes locais, nas maneiras de conceber o mundo, nas tarefas e hábitos cotidianos ou na cidade em seu sentido físico mesmo. As remessas monetárias obtidas com o trabalho nos EUA e enviadas para Governador Valadares representam um exemplo prático desse diálogo e figuram como mais uma forma de manutenção dos laços entre essas sociedades. As remessas de dinheiro causam alterações urbanas, uma vez que parte delas é investida na própria cidade, destacadamente na construção civil.<sup>37</sup> Maurício é

36 Lorena, *Entrevista*.

37 Segundo a Folha de São Paulo, com base em estudo inédito do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 2004 os imigrantes legais e ilegais vivendo nos Estados Unidos enviariam cerca de US\$ 30 bilhões aos países da América Latina. “Até o final de 2004, quase

um empresário que atua nesse ramo há mais de trinta anos e diz que, por esse motivo, viu “como tudo foi acontecendo”. Até 2007, a maior parte dos seus clientes era composta por emigrantes que residiam nos EUA; por meio de veículos telecomunicativos, ele conseguia não só firmar os contratos como, do mesmo modo, o cliente acompanhava a obra:

Durante estes anos, eu pude perceber um período em que a construção civil tinha, com relação aos recursos vindos de fora, principalmente dos Estados Unidos, um índice bem significativo das obras realizadas. Já houve época em que um grande percentual das obras registradas no município tinha como origem os recursos vindos dos Estados Unidos. (...) a gente escuta histórias de pessoas que inclusive começaram a manifestar assim uma preocupação muito grande em realmente mandar os recursos, fazer a remessa de dinheiro, para os próprios familiares. Mas começaram a surgir alguns contatos diretos, chegamos a executar obras não através de familiares, mas diretamente com as pessoas, normalmente por telefone e pela internet (...). O pessoal que tá fora, eles não ficam totalmente ausentes, periodicamente eles vem aqui não só pela questão da saudade de ver os familiares, mas também em função de que tem que administrar! Mas o telefone foi ao longo desse período o mecanismo de comunicação mais utilizado. A internet é mais recente, e mesmo assim ainda existe alguma dificuldade operacional porque as pessoas que ficam lá nem sempre tem acesso com facilidade ao conhecimento. Às vezes um procedimento simples é um obstáculo, você demora aí uma semana pra conseguir com que eles abram o arquivo e vejam uma imagem 3D de algo que foi concebido aqui pra que ele possa aprovar e dar um retorno. Então, isso ainda é um fator pra criar certa dificuldade.<sup>38</sup>

Em seu relato, Maurício aponta para o fato de que o telefone tem desempenhado importante papel em se tratando da comunicação dos emigrantes valadarenses e suas famílias. As situações relatadas por ele

20% desse total terá como destino o Brasil. Nos últimos três anos, os brasileiros dobraram o volume de remessas de dinheiro a seus familiares. O montante passou de US\$ 2,6 bilhões em 2001 para US\$ 5,2 bilhões no ano passado (...). O estudo do BID revelou que o trabalho e renda dos cerca de 16,7 milhões de latino-americanos vivendo nos EUA equivalem hoje a cerca de US\$ 450 bilhões ao ano, um valor somente inferior ao PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil e do México”. O levantamento foi realizado em trinta e sete estados e no Distrito de Columbia, onde fica Washington, e mostrou que vários segmentos de negócios nos Estados Unidos começam a atrair uma nova onda de imigrantes ao país. Segundo Donald Terry, então presidente do BID, “as remessas revelam a integração cada vez maior do mercado de trabalho em toda a região”. Do total de entrevistados, 32% afirmaram estar trabalhando ilegalmente nos EUA e apenas a metade afirmou possuir conta bancária no país. *Folha de São Paulo*, 18/05/2004.

38 Maurício (59 anos), *Entrevista concedida a Gláucia Assis e Elton Francisco*, Governador Valadares, 07/05/2007.

parecem representar bem não apenas a forma como alteramos o nosso cotidiano, mas também como contribuímos para alterações nos aspectos físicos de uma cidade. Neste caso em particular, o que ocorre é que, mesmo estando geograficamente distante, como é o caso dos emigrantes brasileiros nos Estados Unidos, ainda assim corroboramos para transformações significativas no âmbito “local”. Os clientes de Maurício podem contratar seus serviços e ainda acompanhar a obra mesmo sem se deslocar, apenas por meio dos veículos de telecomunicação.

No relato, Maurício também destaca que os emigrantes “não ficam totalmente ausentes”, já que “periodicamente eles vêm aqui” — isso porque, para aqueles que são documentados, as viagens ao Brasil são cada vez mais facilitadas pela expansão e modernização dos meios de transportes. Uma das implicações desse processo é que essas visitas que os emigrantes fazem ao Brasil “pela questão da saudade de ver os familiares”, seja realizada em períodos cada vez maiores de tempo, já que, de uma maneira geral, a possibilidade de se comunicar e de manter os laços com a terra de origem ameniza a saudade e funciona como um meio informativo e tranquilizador (sobretudo para as famílias cujos emigrantes são indocumentados), processo que incide também na expectativa do tempo de permanência na sociedade de destino.

Dessa forma, e devido à sua anterior condição de imigrante ilegal, Tânia suportou ficar onze anos longe dos filhos e de netos que sequer conhecia ou que “já estavam mocinhos” quando ela retornou. A história dela permite-nos afirmar que a constituição dessas redes de telecomunicações atua de maneira significativa nas famílias dos emigrantes, já que, por meio delas, tais famílias podem comunicar e ligar redes domésticas à distância. Nesse processo, a modernização dos veículos de comunicação e transportes se apresenta como um suporte tecnológico de ampliação de possibilidades emigratórias ao permitir que as redes sociais se mantenham ou se modifiquem. Contudo, após ter conseguido o “green card” e “jurado à bandeira” (que representam a aquisição da cidadania norte-americana) e consciente da possibilidade de manter as relações afetivas com os seus filhos e netos que permanecem no Brasil, ainda que à distância, Tânia repensa sua identidade e seu posicionamento no mundo optando por continuar vivendo nos Estados Unidos e fazendo visitas periódicas ao Brasil. Sua vida é perpassada pela presença/ausência de dois países simultaneamente.

Eu fiquei 20 anos lá, é um contexto de vida muito diferente de lá e aqui, então lá nos Estados Unidos eu tenho o meu carrinho na porta, eu dirijo tranquilamente pra qualquer lugar, coisa que talvez se eu estivesse aqui eu não ia dirigir, uma que com 70 anos e já é difícil pra gente e o trânsito aqui não ajuda, é uma loucura o trânsito aqui no Brasil. Tenho minha vida lá, eu sei o que vou fazer lá, como vou resolver meus problemas e tal, eu chego aqui, ta tudo novo, tudo diferente, então eu fico dentro de casa sem ter o que fazer e daí eu me sinto mal porque eu quero estar movimentando, trabalhando. Tudo é diferente, por exemplo, você chega num banco lá você não enfrenta fila e se enfrentar é de duas, três pessoas. Aqui você chega naquele Bradesco, eu fui lá essa semana inteirinha resolver um problema, e sai de uma fila e vai pra outra, é uma loucura, tem fila de prioridade pra idoso, mas não funciona porque é tanta gente na fila, tanto idoso precisando.<sup>39</sup>

Essa noção de ambiguidade é pensada no sentido de que o e/imigrante reside no país de destino, mas sempre o perturba a ausência do país de origem. Estando lá, pensa em estar aqui; estando aqui, pensa em estar lá. Gláucia de Oliveira Assis percebe que pessoas como Tânia, Eneida e Luci estão “entre dois lugares” e que viver esta fragmentação “representa para o emigrante ter este sentimento ambíguo em relação à terra natal e a da emigração fazendo com que esta nunca se efetive por completo”.<sup>40</sup> Ao procurarmos compreender a experiência de Tânia, ficamos nos perguntando como categorizá-la, e tendo em vista o fato de que Luci e Eneida também são cidadãs norte-americanas, como comparar as experiências destas mulheres com aquelas de e/imigrantes indocumentados como Carmem e Verônica. Questões como essas têm levado muitos pesquisadores dos fluxos migratórios contemporâneos a discutir a emergência do fenômeno transnacional.

## **Transnacionalismo e comunidades transnacionais**

A rigor, a discussão sobre o que se tem denominado de “transnacionalismo” ganhou dimensão após a publicação, em 1992, dos estudos realizados por Nina Glick-Schiller, Linda Basch e Cristina Szanton Blanc com grupos de migrantes caribenhos, haitianos e filipinos nos Estados Unidos e que sugeriram a adoção da transnacionalização como um novo

39 Tânia, *Entrevista*.

40 Assis, “Estar aqui, estar lá”, p. 145.

campo analítico para a compreensão da migração. Essas pesquisadoras criticaram os estudos sobre migração acusando-os de criar uma imagem do migrante como rapidamente assimilado ou aculturado na sociedade de destino, o que obscurecia os dados sobre as conexões estabelecidas com o lar e o país de origem. Os dados das suas pesquisas permitiam perceber que os “novos” migrantes mantinham múltiplas relações sociais entre a origem e o destino. Para as autoras, os imigrantes passam a ser chamados de transmigrantes quando “desenvolvem e mantêm múltiplas relações familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que ampliam as fronteiras colocando em inter-relação o global e o local”.<sup>41</sup>

O trabalho realizado por essas autoras apresentava o transnacionalismo como uma nova perspectiva sobre os fluxos migratórios contemporâneos, sobretudo porque esse conceito se oferecia como uma nova maneira de entender o processo de adaptação dos migrantes na sociedade de acolhimento, afastando-se, assim, dos modelos tradicionais: assimilação/aculturação, exclusão diferencial e, mais recentemente, o multiculturalismo. No entanto, não faltaram críticas a essa concepção de transnacionalismo porque, da forma como foi apresentada, dava a entender que todos os migrantes se tornavam “transmigrantes”, o que era denunciado pela rápida substituição dos respectivos termos. Nem todos os migrantes se envolvem em atividades transnacionais, ou se envolvem apenas ocasionalmente.<sup>42</sup>

Para evitar generalizações e definir o campo do transnacionalismo migrante, Stephen Castles trabalha com o conceito de “comunidades transnacionais” colocando a tônica na ação de grupos familiares ou étnicos, ou seja, no resultado de atividades transfronteiriças que ligam indivíduos, famílias e grupos locais. No contexto de globalização, essas ações transfronteiriças podem agir sobre as comunidades primárias ou mesmo sobre as redes sociais já formadas, transformando-as e alagando-as em extensas comunidades virtuais que podem comunicar à distância. O autor define as comunidades transnacionais como “grupos baseados em dois ou mais países, envolvidos em atividades transfronteiriças significativas,

41 Glick-Schiller, Basch e Blanc apud: Assis, “Estar aqui, estar lá”, p. 142.

42 Guarnizo e Portes apud Portes, *Estudos sobre as migrações contemporâneas*, p. 210.

recorrentes e duradouras, que podem ser de natureza econômica, social ou cultural”.<sup>43</sup>

Em consequência, o termo “transmigrante” serve para designar as pessoas que efetivamente se envolvem nessas atividades transfronteiriças, mas não aos migrantes de maneira geral. Os migrantes temporários que passam um determinado período no exterior, que enviam remessas, que se comunicam regularmente com suas famílias na origem ou que regularmente as visitam não são transmigrantes, e também não o são aqueles que migraram definitivamente. Para Castles, a principal característica que define os transmigrantes é que “as atividades transnacionais constituem uma parte central da vida dos indivíduos”.<sup>44</sup> Mas, ainda segundo este autor, se essa característica se aplica a um grupo de pessoas, então se pode falar em “comunidade transnacional”. Mesmo indivíduos que não estão envolvidos em atividades transnacionais e que, portanto, não são transmigrantes podem ser considerados membros de comunidades transnacionais, desde que este grupo constitua o principal contexto de suas vidas.

Nesse sentido, nenhum dos entrevistados que emigraram para os Estados Unidos e que tiveram alguns aspectos das suas trajetórias de migração aqui destacados pode ser categorizado como “transmigrante”. Nem mesmo Tânia, Lucí ou Eneida, que são também cidadãs norte-americanas. Contudo, todas elas, incluindo Verônica, Silvana, Carmem e Maria Helena, que emigraram e retornam indocumentadas, podem ser pensadas como pertencentes a uma comunidade transnacional; portanto, são “migrantes transnacionais”, pois têm a vida atravessada por dois países simultaneamente, mantendo intensas relações entre um e outro: emigraram, construíram, compraram imóveis e carros, telefonaram, enviaram dinheiro e presentes, levaram parentes e amigos, sentem saudades da terra de origem, ajudaram a tecer redes. Para o caso de todas elas, todos esses verbos podem ser conjugados no tempo presente, porque mesmo aquelas que retornaram definitivamente, como Carmem, Verônica e Silvana, ainda mantêm relações com parentes ou amigos nos Estados Unidos.

43 Stephen Castles, *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*, Lisboa, Fim de Século, 2005, p. 80.

44 Castles, *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios*, p. 113.

## Considerações finais

Tentei demonstrar, ao longo deste artigo, que os fluxos migratórios contemporâneos se caracterizam também pela manutenção periódica dos contatos entre aqueles que emigram e aqueles que permanecem nas sociedades de origem. A manutenção desses laços tem sido facilitada pelo aprimoramento dos meios de comunicação e de transportes, que diminui, real e simbolicamente, as distâncias espaçotemporais. O envio de cartas, de dinheiro e de presentes, os telefonemas, as visitas periódicas daqueles que são regularizados, a comunicação pela internet etc. são exemplos desses contatos frequentes. Eles mantêm as redes sociais ativas na medida em que permitem que outros também possam emigrar, fazendo circular as informações necessárias ao planejamento e à execução desse projeto.

Além disso, os meios de comunicação e transporte também ajudam a manter vivo o imaginário que circula em Governador Valadares e que percebe os Estados Unidos como um “Eldorado”. E, na medida em que colocam em contato pessoas que estão em duas diferentes realidades, geram significativas modificações na vida cotidiana tanto daqueles que estão nos Estados Unidos quanto daqueles que permaneceram na cidade de origem. Nesse sentido, ter que lidar com equipamentos tecnológicos, como o computador, é um exemplo das transformações ocorridas no cotidiano de muitos daqueles que partiram ou que permaneceram. Tais formulações nos levam a sugerir que, nas vivências e experiências dos migrantes inseridos em fluxos migratórios globais mais recentes, bem como nos estudos que sobre eles se debruçam, redes sociais e modernização tecnológica são, cada vez mais, realidades indissociáveis.

---

recebido em 15/02/2011 • aprovado em 05/06/2011